

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam ...

AD PHILIP. 3. 12.

ÓRGÃO DA UNIÃO CATHOLICA
EM PORTUGAL

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
(triumphi Ecclesiae) ... in Christo Jesu.

id. 13, 14.

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

SUMMARIO:

DON BOSCO E RATAZZI, por Dom Antonio d'Almeida.—SECÇÃO RELIGIOSA: *A Voz da Igreja—Carta Encyclica do Nosso Santissimo Padre Leão XIII* (continuação); *Progresso, III*, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz; *O centenario franciscano na Ilha Terceira*, por S. P.—SECÇÃO SCIENTIFICA: *O Spiritismo*, pelo Padre Vaz.—SECÇÃO HISTORICA: *Uma lição de historia, II, A Inquisição*, pelo Padre José Victorino Pinto de Carvalho.—SECÇÃO CRITICA: *Os missionarios e o «Progresso do Norte»*, por Elias de Sampaio.—SECÇÃO LITTERARIA: *O Exilio e a Patria* (poesia), por A. Moreira Bello; *A terra, o mar, os ceos, diz tudo—Deus*, por Albano Vicente Lopes Victrinerme.—SECÇÃO ILLUSTRADA: *Claustro do Silencio em Santa Cruz de Coimbra*, por R.—SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA, por A. de Guimarães.—RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.—*Boletim do monumento a Pio IX, o Grande*, por Teixeira de Freitas.—SECÇÃO NECROLOGICA: *D. Maria Adelaide Mergulhão Neves Cabral*, por Antonio Ferreira Gomes de Carvalho.—*Expediente*.



CLAUSTRO DO SILENCIO EM SANTA CRUZ DE COIMBRA

GUIMARÃES 30 DE NOVEMBRO DE 1882

DON BOSCO E RATAZZI

No Campo do Catholicismo tem um nome distincto *Don Bosco*; na triste historia da Revolução é saliente o

nome de *Urbano Rattazzi*; nasceram ambos no Reino Sardo e assim subditos de El-Rei do Piemonte. *Don Bosco*, Sacerdote é fundador do *Oratorio di S. Francisco di Sales*, fundação religioso-ecclesiastica já tão difundida por suas Casas filiaes e Missionarios quão distante é Turim ou o Piemonte da Patagonia. *Rat-*

tazzi advogado, depois politico e Secretario de Estado da Revolução na Italia actual, embora na phase revolucionaria monarchica.

Um Frade, Religioso Capuchinho, foi chamado quando *Rattazzi* estava no leito da doença, que lhe foi doença de morte; veria elle então quanto não é uma pa-

lhada diabolica a Revolução; e até alguma vez antes lhe viria tal consideração excitada por uma parte do nome de sua terra natal—*della Paglia*, isto é *Alexandria della Paglia*, praça de guerra notavel, assentada entre Genova e Turim no campo de *Marengo*, tão conhecido nas guerras de Napoleão I.

Rattazzi veio a Portugal, quando a Commissão piemontezza foi mandada cá e para do Porto acompanhar os restos mortaes da Magestade Carlos Alberto. Tambem visitou annos depois a Terra Lusitana a que tinha sido sua esposa; viagem, *da Princeza napoleonica*, repasto periodiqueiro e foliculario. *Rattazzi* foi uma das notabilidades italianissimas; quiz, mas não conseguiu casar na Aristocracia portugueza.

Deixemo-nos de mais biographia *rattazziana* para mais tarde a vêrmos em dialogo com *Don Bosco*. De *Don Bosco* é dito tudo quando com verdade se diz de elle: é um homem apostolico! Sem que de si presume, pois que é um exemplo de humildade, dizia-nos uma vez em christã sinceridade e graça: «*Don Bosco é para tudol*» Sim, todos o querem, dizemos nós; e suas fundações Catholicas sam um complexo piedoso e scientifico de meios para acudir ás necessidades dos tempos e do modo especial como a época os reclama, segundo a apreciação Catholica e dição da Igreja de Deos. *Don Bosco* é um dos maiores colaboradores debaixo da obediencia e vistas do Vigario de Jesu-Christo, na sustentação e augmento da Fé Catholica, no remedio ou Salvação da *Sociedade*.

Começou seus maiores esforços applicando-se ao salvamento da mocidade em tanto e maior risco *n'este seculo*; depois, sem descurar esta, estendeu seus esforços a favor de todos os periodos da vida por si proprio, por Missionarios do Instituto de sua fundação, e pelas *Filhas de Maria Auxiliadora* tambem fundação sua, e assim os dous sexos acudindo aos dous sexos! Os Soberanos-Pontifices, Pio IX e Leão XIII, Abençoando *Don Bosco* e suas boas empresas, quizeram tambem velas realisadas em Roma a bem da gente habitadora da capital da catholicidade; e lá estão funcionando. E' prodigioso, é evidente o Favor Divino sobre *D. Bosco* e suas empresas, quo na vida de um homem, o fundador, dentro dos 60 a 70 annos se têm multiplicado e n'uma variedade de meios, que mais parecem datar de Seculos.

Na Historia das Catholicas empresas e realisações *Bosconianas* ha tambem notaveis e interessantes incidentes de aprecivel menção; e quantos e quantos? Mais tarde referiremos um.

Don Bosco é homem de viva fé e assim vê hoje multiplicado seu Instituto Salesiano como o grão da mustarda, seja

pelo numero de casas, seja pelo pessoal de estas ensinado ou ensinante, seja pela variedade do ensino, que nunca varia em seu respeito á Verdade.

Don Bosco e suas fundações, tendo nos Catholicos practicos os seus esperados amigos, têm ainda a amizade de muitos que até combatem os Interesses do Catholicismo, ou a respeito de estes sam indifferentes ou pelo menos de se deixar estar na indiferença. Os primeiros de estes alludidos amam *Don Bosco* e suas obras com os olhos em Deos; os outros por interesse humano; e quando não só por este com nenhum ou pouco furor por Deos. Em Turim dá-se o amor por tudo que é «*Bosco*» e podemos dizer «*Don Bosco* reina no coração de todos!» Onde se não encontra a homenagem ás Virtudes encontra-se o interesse filho da dependencia nascida de aquellas mesmas Virtudes; e assim os homens dos diferentes pensares e posições na *Sociedade* estão debaixo do reinado *turiense* de *Don Bosco*; a Aristocracia e a *Riqueza*, a *Industria*, o alto e baixo Commercio, os Pobres; todo este pessoal ou todas as pessoas têm em *Don Bosco* um cuidadoso das suas espirituas e temporaes necessidades, ou sejam as communs ou as especiaes ás diferentes classes ou posições, estudadas e quanto possivel remediadas pela caridade e sciencia de aquelle *Varão apostolico*! E poderia a educação do Clero esquecer a *Don Bosco*, embora não seja elle chefe ou cabeça de Diocese? não; faz parte das suas fundações aquelle que tem por fim preparar Sacerdotes, que sam depois os Missionarios sahidos do *Instituto Salesiano* de sua fundação.

Entre os incidentes a notar na vida ou Historia das fundações *Bosconianas* ha as visitas inavisadas dos homens mais salientes no movimento *italianissimo* ou da *Revolução* na Italia. Apresentava-se uma vez na casa ou collegio de Turim, no primeiro fundado n'aquella capital de Piemonte o que então era presidente do *Senado italiano*. Aquelle presidente visitou o alludido collegio, ficou maravilhado por tudo que viu, e depois perguntou a *Don Bosco*, que o dirigia na visita «como se sustenta tudo isto, e com tanta ordem sem policia?» Resposta «com a caridade e a obediencia!» Quantas e outras referencias não podem ser feitas e lidas com verdadeiro interesse! mas vamos a *Don Bosco* e *Rattazzi*, a um como *excerpto* de aquelle todo como *texto*.

Em tempo tinha *Don Bosco* projectado um *Bazar* caritativo a favor de suas caritativas obras, de valor religioso, social, no bem das familias e dos individuos. Feita a distribuição de bilhetes para ajudar aquelle *Bazar*, alguns foram enviados a *Rattazzi*, que os acolheu de modo como se vai ver pela seguinte carta:

«*All.º e Rev.º Signore (Don Bosco), Di buon grado assecondando la richiesta della S. V. fattami di concorrere alla pia Opera instituta per Sopporire alle urgenti spese, che occorrono all' Oratorio mischile di S. Francesco di Sales in Valdocco. Le acchiudo nella presente L. 40 in una colla restituzione dei 200 biglietti di loteria inviatimi; e ringraziandola di avermi per tale effetto richiesto, ho l'onore di costituirmi con distinta stima*

U. RATAZZI.»

Temos transcripto para aqui um documento do apreço em que *Don Bosco*, e suas obras e fundações eram tidas por mais um homem aliás tão mettido nos acontecimentos revolucionarios na Italia; mesmo entre os homens de *tal especie* na apontada Peninsula é sentimento commum o respeitar *D. Bosco*, ficando sempre no respeito quando não passam ao amor. Notemos uma circumstancia, que não é para ficar no tinteiro: *Don Bosco* tem a estima de Sua Santidade, e a da Dynastia de Saboya; porem *Don Bosco* vai, em Roma, ao Vaticano, mas *agora* não irá ao *Quirinal*; em Turim irá ao Paço Real.

De certo e de muito antes se conheciam de nome *Don Bosco* e *Rattazzi*; mais tarde se conheceram por carta, do que damos documento, e depois vieram a conhecer-se pessoalmente e pelo modo que vamos relatar.

Era um Domingo do mez de Abril de 1851, e ás 10 horas e meia da manhã estavam os jovens do *Ospizio* com muitos outros externos na Igreja respectiva; no seguimento da Missa e mais actos religiosos subiu ao pulpito *Don Bosco*, ou antes o sábio Sacerdote escolheu que a Missa fosse celebrada para logo subir á Cadeira da Verdade e continuar suas *Conferencias* tiradas da Historia Ecclesiastica. N'aquelle momento entrou no edificio um homem desconhecido mesmo dos que o receberam á entrada; ouvindo á portaria que se estava *Prégando*, dirigiu-se ao Templo e tomou lugar entre os fieis. Aquellas *Conferencias* eram feitas especialmente para os jovens, e estes tinham permissão de fazer qualquer pergunta, cuja resposta os tiraria de uma duvida ou lhes daria occasião para maior desenvolvimento. N'aquelle dia sahe-se um joven com uma interrogação de Historia contemporanea, e que se referia ao exilio de Monsenhor Franzoni, Arcebispo de Turim, injustamente desterrado pela Revolução; pergunta nascida da narração, feita por *Don Bosco*, da perseguição do Imperador Trajano contra o Papa S. Clemente, que por aquelle foi exilado com injustiça. *Don Bosco* respondeu como um verdadeiro narrador e commentador, como quem ensina verdadeira

Doutrina, e se vê diante de Deus, e não repara se agrada ou não aos que o possam ouvir. Continuou *Don Bosco* a Conferencia e fechou esta com a recomendação aos seus ouvintes de se terem fortes na Fé, e de respeitarem com devoção os Ministros da Santa Igreja.

Terminados todos os Officios Religiosos de aquella hora, voltou *Don Bosco* à sua particular habitação no edificio, e logo lhe bate à porta um dos jovens do *Ospizio*, que conduzia ali o *Sconosciuto Signore*; acudiu ao reclamo *Don Bosco*, e, abrindo a porta, pede ao senhor desconhecido que entre no quarto, e n'este começa o curto seguinte dialogo:

«*Don Bosco*—Poderei saber com quem tenho a honra de fallar?

«Com *Rattazzi*.

«*Don Bosco*—Com *Rattazzi*! aquelle grande *Rattazzi* (coul gran *Rattass*, em piemontez linguagem) Deputado, Presidente da Camara outr'ora e actualmente Ministro de El-Rei (*Ministro del Re*)?

«*Rattazzi*—*Per lo appunto* (tal e qual).

«*Don Bosco*—Enlão (surrindo) posso preparar os pulsos *alle manette*, e dispor-me a ir para a sombra da prisão.

«*Rattazzi*—Mas porque?

«*Don Bosco*—Por aquillo, que V. Ex.ª ouviu ha pouco na nossa Igreja com relação ao nosso Arcebispo.

«*Rattazzi*—Por forma alguma. Pondo de parte se foi mais ou menos opportuna a pergunta *di quel ragazzo*, *Lei* (*Don Bosco*) respondeu e sentenciou por sua parte de modo, que nenhum Ministro no mundo lh'o poderia reprovar» e depois foi seguindo com outras reflexões até fechar o periodo assim—«Eu mesmo, embora me não riam todas as ideas e actos de Monsenhor Franzoni, estou contente que a severa medida contra elle *non Sia Stata presa Sotto il meo Ministero*—não fosse tomada no meu Ministerio.»

«*Don Bosco*—Se é assim, disse facciamente *Don Bosco*, posso estar tranquillo que V. Ex.ª por esta vez não me fará *mettere in gattabuja*, e me deixará respirar o ar livre de Valdocco. Passemos a outra cousa.»

Depois de este corrido dialogo, seguiu-se uma conversação de quasi uma hora; e *Rattazzi* foi fazendo uma enfiada de perguntas sobre a origem, fim, progresso e fructo da *Instituição* fundada por *Don Bosco*, e taes foram as respostas de este, que *Rattazzi* «*qual uomo di buon cuore*» veio a fazer-se um advogado e protector da mesma *Instituição*, e tal que esta lhe ficou devedora de relevantes serviços; parece que Deus se quiz servir de aquelle homem para bem ou serviço das boas e notaveis obras de *Don Bosco*, de cuja bocca como que es-

tamos ouvindo: «Deus é sempre qual provido Pai! feliz quem o ama e n'Elle confia!»

Ouvimos um dia, e já o temos dito, um celebre orador catholico, quando este dizia: «Carece-se de grandes almas nas circunstancias actuaes da *Sociedade*.» e Deus Providente as tem feito apparecer ou mandado, e por certo uma de ellas é a alma de *Don Bosco*! Que a *Rattazzi* valesse «diante do Supremo Juiz,» sua estíma e serviços ás obras *Bosconianas*, obras catholicas; *Don Bosco* é vivo; e *per multos annos!* continuando em seu zelo como de Apostolo, e em exemplo por suas virtudes; é elle uma gloria do Catholicismo, e um grande ornamento do Clero; do Clero que é a *Tribu* exaltada por Deus sobre as outras *Tribus* do Christianismo, que aliás não tem *Tribus* mas collectividades ou corpos moraes, e é bem claro o sentido em que empregamos aquella designação.

DOM ANTONIO DE ALMEIDA.

Secção Religiosa

A VOZ DA EGREJA

CARTA ENCYCLICA

DO

NOSSO SANTISSIMO PADRE LEÃO XIII

(Continuação do n.º anterior)

CLARAMENTE se vê que innumerados serviços tem podido prestar uma instituição tão salutar em si mesma e pela oportunidade dos tempos. Esta oportunidade está bastante demonstrada pelo estabelecimento d'associações do mesmo genero na familia dominicana e outras ordens religiosas e pelos proprios factos. Nas classes mais elevadas e nas mais inferiores houve uma precipitação geral, um ardor generoso para siliar-se n'aquella ordem d'irmãos franciscanos. Entre todos solicitaram essa honra Luiz IX, rei de França, e Isabel, rainha de Hungria; nos tempos successivos contam-se varios Papas, Cardeaes, Bispos, reis e principes, que não consideraram como indignas da sua gerarchia as insignias franciscanas.

Os associados na Ordem Terceira mostraram sempre tanta piedade como valor na defeza da Religião Catholica: se estas virtudes lhes valeram o odio dos maus, ellas lhes trouxeram, ao menos, a estimação dos sabios e dos bons, unica coisa que deve buscar-se e a mais honrosa de todas. E tambem nosso predecessor Gregorio IX, tendo elogiado publicamente

seu valor e sua fé, não vacillou em protegê-los com a sua auctoridade e em chamar-lhes honorificamente «soldados de Christo, novos Macabeus». Este elogio era merecido, porque dava grande força ao bem publico que esta corporação de homens, que tomavam por guia as virtudes e as regras de seu fundador, se applicassem tanto quanto pudessem a fazer reviver no Estado os honrosos costumes christãos. Muitas vezes, com effeito, sua empreza e seus exemplos tem servido para apasiguar e extirpar as rivalidades dos partidos, arrancar as armas das mãos dos furiosos, fazer desaparecer as causas de litigios e disputas, procurar consolação á miseria e ao abandono e reprimir a luxuria, morte das fortunas e instrumento de corrupção.

Tanto mais, quanto que o caracter de nosso tempo requer por muitos motivos o caracter mesmo d'esta instituição. Como no seculo XII, a divina caridade se tem enfraquecido muito em nossos dias, e ha, seja por negligencia, seja por ignorancia, grande relaxamento na pratica dos deveres christãos. Muitos, levados por uma corrente dos espiritos e por preocupações do mesmo genero, passam sua vida procurando ávidamente o bem-estar e o praser. Enervados pelo luxo, dissipam seu patrimonio e cobiçam o dos outros; exaltam a fraternidade, porém fallam d'ella muito mais do que a praticam; absorve-os o egoismo, e a verdadeira caridade para os pequenos e os pobres diminue diariamente. N'aquelle tempo, o horror multiplice dos alligenses, excitando as multidões contra o poder da Igreja, havia perturbado o Estado ao mesmo tempo que abria o caminho a um *socialismo* certo.

Hoje mesmo, os fautores e propagadores do *naturalismo* se multiplicam. Estes negam que seja preciso estar-se submettido á Igreja e por uma consequencia necessaria vão até desconhecer o mesmo poder civil: approvam a violencia e a sedição no povo; põem em duvida a propriedade; adulam as concupiscencias dos proletarios; quebrantam os fundamentos da ordem civil e domestica.

No meio de tantos e tão grandes perigos comprehendéis certamente, veneraveis irmãos, que ha motivo para esperar muito das instituições franciscanas levadas ao seu estado primitivo. Se ellas florescessem, a fé, a piedade, a honestidade de costumes floresceriam tambem; este appetite desordenado de coisas perezedouras seria destruido e não se cuidaria senão de reprimir as paixões pela virtude, o que a maior parte dos homens considera hoje como o jugo mais pesado e insupportavel.

Unidos os homens pelos laços da fraternidade, amar-se-iam entre si, e teriam pelos pobres e indigentes, que são

a imagem de Jesus Christo, o respeito conveniente.

Por outra parte os que estão penetrados da Religião christã sabem, com toda a certeza, que é um dever de consciencia obedecer ás auctoridades legitimas.

E' justo dizer que a paz domestica e a tranquillidade publica, a integridade dos costumes e a benevolencia, o bom uso e a conservação do patrimonio, que são os melhores fundamentos da civilisação e da estabilidade dos Estados, saem, como d'uma raiz, da Ordem Terceira dos Franciscanos, e a Europa deve em grande parte a Francisco a conservação d'estes bens.

Todavia mais que nenhuma outra nação, a Italia é devedora a Francisco; ella é a que tem tido mais parte em seus beneficios, como foi o primeiro theatro das suas virtudes. E, com effeito, n'essa epoca em que a frequencia das iniquidades multiplicava as luctas particulares, estendeu sempre a mão ao desgraçado e ao vencido; rico no seio da maior pobreza, não cessou jámais de soccorrer a miseria d'outro, olvidando a sua. A lingua nacional, apenas reformada, resoou com louvor em seus labios; traduziu os suspiros do amor e da poesia em canticos que o povo aprendeu e que não foram julgados indignos da posteridade litteraria.

(Continúa).

PROGRESSO

III

O PROGRESSO é a ordem natural de todas as cousas. Encontra-se nas obras dos homens, e nas obras do mesmo Deus.

Uma das maiores obras da omnipotencia divina é a criação do mundo e de tudo quanto ha n'elle, e esta obra estenda, que assombra todos os sabios, e enche de admiração a todos os homens, foi creada progressivamente. Deus fez que o nada existisse, que houvesse o tempo, que apparecessem as cousas. E a sua palavra omnipotente fazia progredir todas as cousas ao fim a que as dirigia.

O mundo foi creado do nada.

O carpinteiro pôde fazer uma meza de madeira, e o alfaiate um vestido de panno; porem nunca fará o carpinteiro uma meza de madeira sem madeira, nem o alfaiate um vestido de panno sem panno. Isto é o que nunca fará o progresso humano, por mais que avance e caminhe para a perfectibilidade, e procure emancipar-se:

E' certo que Deus podia crear o mundo em um momento, porque a sua palavra

é fecundissima; mas creou-o successivamente, gradualmente, progressivamente.

O pensamento do mundo em Deus estava concebido desde toda a eternidade; no tempo marcado exprimiu o seu pensamento.

Um homem, por exemplo, quer edificar uma casa; concebe esta ideia; traça o plano da obra; no tempo fixo diz: faça-se a obra. Como a palavra do homem não pôde aqui produzir a ideia, elle chama operarios que ponham mãos à obra, e esta é executada. E' a casa a expressão do pensamento do homem em progresso, assim como o universo é a expressão d'um pensamento de Deus.

Veja-se o modo como Deus procede na criação do mundo.

No primeiro dia creou o ceo, a terra, as aguas, o fogo e a luz.

No segundo creou o firmamento, e dividiu as aguas que estavam debaixo do firmamento, das que estavam sobre elle.

No terceiro reuniu as aguas que estavam debaixo do firmamento, e appareceu o solido que ellas cobriam. Ao solido chamou terra, e à reunião das aguas mar. Fez tambem que a terra produzisse plantas e arvores.

No quarto dia creou o sol, a lua e as estrellas.

No quinto fez que as aguas produzissem peixes, e aves o ar.

No sexto mandou à terra que produzisse os animaes e os reptis. E emfim no mesmo dia, tomando um pouco de barro, formou um corpo de carne, creou do nada uma alma, e unindo-a ao corpo, ficou feito o homem.

No setimo dia Deus descansou, ou cessou de crear. Creou tudo gradualmente, e tudo entrou logo no seu progresso ou desenvolvimento progressivo.

Não tratamos aqui a questão, ventilada por alguns auctores, se os seis dias da criação do mundo foram dias de vinte e quatro horas, como os nossos, ou se foram epochas indeterminadas. Ha duas opiniões a este respeito, e qualq'uer d'ellas se pôde seguir sem contradizer o que diz a Escripura sagrada. E' certo que o mundo não foi creado em um momento, e é evidente o progresso.

Bossuet diz que os seis dias são seis diferentes progressos.

O sabio Cardeal Wizonan escreve o seguinte:

«Que repugancia ha em suppor que, desde a criação do informe embrião d'este mundo tão bello, até chegar a ser revestido de todos os seus ornamentos, e apropriado ás necessidades e habitos do homem, quizesse a Providencia conservar uma gradação, pela qual a vida avançasse progressivamente para a perfeição, tanto no seu poder interior como em seus instrumentos exteriores? Um tal plano, ainda que fosse descoberto claramente pela geologia, não se oppõe às

intenções de Deus na lei physica e moral d'este mundo; não contradiz o texto sagrado, apesar de nos deixar em completa ignorancia ácerca d'este periodo indefinido em que se colloca a obra do desenvolvimento gradual.»

Seja como for, é incontestavel que houve gradação, desenvolvimento, progresso na obra da criação dos seres que occupam a scena do mundo.

E o mesmo vemos na religião que Deus ensinou ao homem. Ella teve infancia, adolescencia e virilidade, como o homem physicamente considerado, apesar de ser sempre immutavel na sua essencia.

Effectivamente a religião christã é tão antiga como o mundo; mas foi sempre progredindo, no espaço dos seculos. Jesus Christo, Filho Unigenito de Deus, e Deus Elle mesmo, não veio, como elle diz, destruir a lei; veio aperfeçoal-a, dar-lhe o complemento, o verdadeiro progresso: *Non veni solvere legem, sed adimplere.*

Religião natural, religião escripta, religião christã, é a mesma religião revelada por Deus ao homem: é o catholicismo, porque o homem não pôde inventar a religião que necessariamente deve ser *uma e unica*; é uma grande graça diversificada de mil maneiras, e caminhando para a perfeição progressivamente.

Peccou o homem, foi-lhe promettido o Redemptor. Tudo para Christo, em Christo, e por Christo. Mas passaram quarenta seculos para se patentear o plano divino. Durante este tempo vemos o Messias promettido, esperado, predicto, figurado e preparado.

Assim progressivamente foi Deus desenvolvendo a execução do seu grande designio. E' o christianismo a religião do progresso, do verdadeiro progresso.

A' sombra da arvore da Cruz, onde pendeu o Homem-Deus, salvando o mundo inteiro, revive o verdadeiro inspirador das artes, o impulso do genio, da dedicação.

Nada mais despropositado e absurdo do que a cantilena dos incredulos modernos, que accusam o catholicismo de inimigo do progresso. Se não fosse elle, o mundo recahiria na degradação e barbaria.

(Continúa).

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

O CENTENARIO FRANCISCANO

NA

ILHA TERCEIRA

FORAM esplendidas as festas que tiveram logar na cidade d'Angra, e na villa de S. Sebastião d'esta Ilha, para commemorar o centenario sete ve-

zes secular do glorioso S. Francisco d'Assis.

Altos são os juizos de Deus! investiga-veis os meios que opportunamente emprega para circumdar de gloria os seus bem amados servos!

Quando o mundo envia todos os esforços para fazer obscurecer, e eclipsar a gloria dos seus Bemditos Nomes, é quando elles mais refulgem, e estrondéam d'um ao outro angulo da terra.

Debalde inventa o seculo ovações pagãs para preconisar os feitos dos falsos semi-deuses a quem adora: debalde desenterra as carcomidas ossidas dos que apregõa terem bem merecido da patria, e da humanidade: debalde forma cortesjos apparatusos para seduzir as multidões com o ouropel das festas que atrahe, e das galas que embriagam:— os seus congressos scientificos, os seus centenarios faustosos, os seus prestitos civicos, ficam de todo ensombrados, escurcidos e olvidados, apenas a grande e verdadeira sociedade do Christo—a Igreja,—qual ave gigantesca, abra as azas, solta a voz, e congrega os filhos para celebrar a memoria abençoada dos que vivendo em santidade, morreram na justiça.

O documento irrefragavel, a prova authentica d'este asserto, foi ainda e mais uma vez o centenario religioso do Patriarcha dos Menores, quem brilhantemente a veio dar.

E' que o ardente entusiasmo, o vivo amor, os verdadeiros transportes com que o catholico povo terceirense acolheu a sympathica ideia do mesmo centenario, e que depois soube tão bem practicamente traduzir na frequencia dos Sacramentos, nas peregrinações de longe, nas festas do templo, e nos canticos ao ar livre, fizeram emmudecer as ovações da sociedade civil, esquecer os centenarios dos seus heroes, e sobresahir aos seus cortejos triumphaes, a grande e imponentissima Procição que Angra viu no dia 4 d'outubro percorrer as suas ruas e praças.

E note-se, que a Imagem Veneranda, o vulto respeitavel a quem tão esplendidamente se prestava um culto digno em tudo dos serviços que prestara em vida, dos seus meritos e beneficios, era apenas o de um pobre e humilde FRATE! A coroa que o ornava, era a da castidade, o sceptro que empunhava, o da pobreza, o manto que o cobria, o da humildade. A seus pés não se via nem a lyra dos *poetas*, nem a pasta dos *ministros*; nem o livro dos *philosophos*, nem o methodo dos *pedagogos*. Apenas a numerosa familia secular da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, a dignissima Associação Carmelitana, e o Muito Reverendo Clero em cerradas fileiras, formavam as alas do acto processional, que deslumbrava pela fé, pela piedade,

pela edificação, pelo respeito e compos-tura de todos os seus membros que como que á porfia tomavam o exemplo do que exemplo lhes fora em vida, na doutrina e nos costumes.

Bemdito seja o Senhor que assim faz brilhar a sua justa e misericordiosa Providencia, abatendo pois os soberbos, e exaltando os humildes! E hemaventurado o povo que sentindo a inspiração do ceo, e attendendo ao verbo de Deus, guarda os seus preceitos, e honra os seus Santos!

Dilicil n' verdade se torna o descrever a commemoração deslumbrante que a Ilha Terceira fez ha pouco ao inclyto Fundador da Ordem dos Menores, no magestoso Templo do extincto Convento Franciscano, e na vetusta Matriz da notavel villa de S. Sebastião.

Permitta-se-nos no entanto, para alegria dos bons catholicos, que ensaiemos dar-lhes uma leve ideia do modo distinctissimo porque—esta valiosa margarita da Corôa Portugueza, com a religiosa porção da grey christã que n'ella habita,—demonstrou os seus sentimentos de viva crença e ardente fé, no para sempre memoravel dia 4 d'outubro de 1882, setimo centenario de S. Francisco d'Assis.

* * *

A primeira voz que soou n'esta ilha com respeito ao Centenario Franciscano, foi como deya ser a do R.^{mo} Commissario da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia da cidade d'Angra, o Padre Francisco de Salles de Souza.

De motu proprio, satisfazendo aos piedosos desejos da mesa da mesma Veneravel Ordem, e animado sobretudo pela valiosa cooperação que alguns dignos e illustrados collegas lhe promettiam, aquelle R.^o Ecclesiastico em data de 4 de setembro proximo passado dirigiu a todos os Commissarios das Costodias de S. Francisco erectas nas Parochias d'esta ilha, a seguinte circular que archivamos como monumento digno de memoria, para os que d'aqui a cem annos celebrarem identico Centenario.

«Ill.^{mo} e Rev.^{mo} Snr.—No proximo mez d'outubro,—eis como resava o officio a que nos referimos,—no proximo mez d'outubro vão completar-se sete seculos depois do nascimento glorioso do Nosso Santo Patriarcha, o Grande S. Francisco d'Assis!

«Por um tão transcendente motivo estaõ em piedoso movimento e sobresalto todos os bons Catholicos, e muito particularmente as numerosas associações religiosas, instituidas sob a Regra do Summado Patriarcha!

«Desde a cidade d'Assis até á cidade eterna, onde, mercê de Deus, e para in-teira confusão dos inimigos da Igreja, repousa o throno pontificio, ora occupa-

do pelo magnanimo LEÃO XIII, desde a Europa até á Asia e America, e até onde pulsam corações crentes e piedosos se prepara a celebração do Centenario do admiravel S. Francisco!

«Parece que a Providencia, permittiu, que no corrente anno de 1882, em que o espirito desinquietao do seculo tem celebrado os centenarios, até dos mais declarados inimigos da Igreja, succedam os centenarios de duas notabilissimas personagens da mais eminente santidade, e que ora no ceo gosam a felicidade preparada aos santos,—S. Francisco d'Assis,—e Santa Thereza de Jesus.

«Seria pois um motivo de inquietação e remorsos para a nossa consciencia de Catholicos, e de filhos do Veneravel Patriarcha d'Assis, Instituidor das Ordens da Penitencia, de que V. S.^a Rev.^{ma} e eu, ainda que indigno, fazemos parte, o ficar indifferentes e silenciosos nos memoraveis dias do Centenario!

«Conheço que superabundando os desejos, são mingnados e assaz exiguos os recursos, de que podem dispôr as nossas Ordens terceiras de S. Francisco, para celebrarem com devida pompa o grande Centenario; porem bem certo dos sentimentos de piedade, que ornam o coração de V. S.^a Rev.^{ma}, ousei vir, por este meio invocal-os, rogando-lhe com a maior instancia, que se digne convocar a Meza da Ordem, de que V. S.^a Rev.^{ma} é Prelado, para que pelos meios que a sua prudencia e piedade lhe suggerir, promover qualquer acto solemne, com que no dia 4 d'outubro proximo, designado pela Sagrada Congregação dos Ritos, demonstrem a sua alegria religiosa, e adhesão da sua viva crença a tudo, quanto em tal dia, recordar ao mundo Catholico a abnegação, a penitencia, e as heroicas virtudes do glorioso S. Francisco d'Assis!—Uma Missa ainda mesmo que seja resada, um *To-Deum*, a Confissão e Communhão dos nossos Irmãos, creio, que são actos que edificam, e que não são difficéis de practicar.

«Espero pois que V. S.^a Rev.^{ma} acolha benignamente este meu convite, pois cada ordem 3.^a da penitencia, celebrando assim em tão memoravel dia o Centenario do seu Grande Patriarcha, terá dado um publico testemunho da sua piedade, e um solemne desaggravo a tantos delirios, com que a Igreja, tem sido atacada com centenarios d'outra natureza.

«Deus Guarde a V. S.^a Rev.^{ma} Consistorio de S. Francisco em Angra do Heroismo 4 de setembro de 1882.

«O Commissario, Padre Francisco de Salles de Souza.»

Tal foi o simples convite que partindo d'Angra, e chegando até aos extremos da Ilha, não só foi encontrar benignamente dispostos os animos dos Muito Reverendos Parochos Commissarios, a

quem foi dirigido, mas ainda communi- cando-se o enthusiasmo religioso que tão sympathica ideia inspirara, dos Pastores aos Fieis confiados aos seus cuidados, começaram desde logo, tanto o povo, como os Confrades da Ordem secular,—os Irmãos Terceiros— a agitarem-se em ansiosa expectativa, para condignamente se ajustarem com o espirito de tão jubiloso dia, commemorando-o do modo mais solemne que lhe fosse possível.

Ora, deve notar-se, que o povo Terceirense, laborioso e activo por indole, no geral, está pouco affeito a Festas quer religiosas quer profanas, em dias não santificados.

O Centenario Franciscano, cahindo n'uma quarta-feira, que era o dia 4 de outubro, parecia pois, que á primeira vista deveria encontrar como que certa frieza e indifferença da parte do mesmo povo, que arrancando-se dos seus habitos rotineiros, perdia assim um dia util ou de trabalho, em época de mais a mais de afanosa lida para os habitantes do campo, que tinham em perigo a colheita dos seus milhos, para os recolher e encelleirar, como principal alimento e subsistencia de ricos e pobres durante a estação invernos, durante o anno todo, por ser n'elles que consiste toda a sua abundancia e riqueza.

Parecia,—diziamos nós, que deveria achar certa frieza e indifferença,—mas caso raro! prodigioso facto!

Bem pelo contrario; apenas os muito R.º Parochos;—ora vejamos como os Padres tem já perdido toda a sua força moral!—apenas os muito R.º Parochos, sem esforço algum, fizeram tão somente em suas freguezias constar a grande Festa que se preparava para o dia de S. Francisco, como que á porfia Terceiros e não Terceiros—o povo—que por mais que o seduzam, e procurou *descultholisar*, tem piedade e crenças inabalaveis,—começou logo a protestar *sanctificar* aquelle dia para gloria de Deus, e em louvor do Santo Patriarcha d'Assis!

Já então se havia espalhado que a solemnidade principal do Grande Centenario, para ser em tudo condigna do Heroe, a quem se dedicava, seria precedida d'uma longa e conveniente preparação, formada de piedosos exercicios, practicas religiosas, e devotissimas orações.

Mais ainda. Alem d'um esplendido novenario, annunciava-se tambem um pomposissimo *Triduo* de Festas solemnissimas que deviam anteceder a Festa principal, todas com o Santissimo Sacramento exposto.

Dizia-se em summa, que affim de mais abrihantear as mesmas, para as practicas das novenas e sermões solemnes, haviam sido convidados, prestando-se gratuitamente, os primeiros ornamentos do pul-

pitto Terceirense, os mais illustrados, e bem aceitos Oradores Sagrados d'esta terra.

Tal era o programma que vogava, e que foi depois pontualmente satisfeito.

Entrementes, o Reverendo Commissario Salles de Souza, sciente da boa acceitação, que a sua primitiva ideia tivera, por parte dos seus confrades e col-

legas, em 18 de setembro endereçava-lhes novo Officio, assim consoante: «Ill.º e Rev.º Sr. — Ainda onso por mais uma

vez invocar os piedosos sentimentos de V. Rev.ª acerca do faustosissimo Centenario que temos de celebrar nos dias 2, 3, e 4 do proximo mez d'outubro, na Igreja de S. Francisco, Nosso Glorioso Patriarcha, e unica que n'esta ilha existe levantada em sua honra. O motivo que me traz á presença de V. Rev.ª

por este meio, é significar-lhe quanto seria louvavel, quanto seria honroso, quanto seria por todos os motivos jubilo-

so, que todas as Veneraveis Costodias da Ordem Terceira da Penitencia, eretas n'esta Ilha, imitando os seus ir-

mãos e confrades do mundo Catholico, viessem em devota peregrinação e á magestosa Igreja de S. Francisco d'Angra, como no mesmo dia 4 tencio-

nam, e de certo irão á cidade d'Assis, os numerosos esquadrões dos filhos de S. Francisco, e de fieis interessados

pela gloria da Igreja, n'estes dias em que a impiedade cuida ter vencido com os seus centenarios escandalosos?! Oh!

Rev.º Sr! Seremos nós menos zelosos da honra do Nosso Veneravel Patriarcha, do que os nossos irmãos d'alem mar?! Que espectáculo offerceria a cidade

d'Angra, se n'aquelle fausto dia, recebesse os numerosos filhos de S. Francisco de toda a ilha, para celebrarem o seu setimo centenario?! Deixo á illustração e piedade de V. Rev.ª a solução

d'este negocio de piedade. Deus Guarde a V. Rev.ª Consistorio de S. Francisco em Angra aos 18 de setembro de 1882.

O Comissario Padre Francisco de Salles de Souza.»

Se o primeiro convite para a celebração do Centenario nas respectivas Parochias, fora gostosamente recebido, a indicação d'uma publica e geral peregrinação á cidade d'Angra, e ao Templo Franciscano, foi abraçada com um enthusiasmo indiscriptivel.

O povo e as Ordens Terceiras anciavam o suspirado dia, e procurando devotamente disporem-se para elle, começaram desde logo a frequentar d'um modo assás louvavel o Santo Tribunal da Penitencia, recebendo após e com a maxima devoção o Santissimo Sacramento da Eucharistia.

A final no dia 25 do mesmo mez de setembro, iniciaram-se na Igreja de S. Francisco pelas 4 horas da tarde os annunciados actos preparatorios da Gran-

de Festa do Glorioso Patriarcha, que no seu piedoso novenario, attrahiram desde logo copiosa multidão de fieis de todas as condições, classes e ordens.

Em todos os dias do mesmo presidiu e officiou sempre n'aquelles actos o digno e respectivo Revl.º Commissario Salles de Souza, acolytado por dois Presbyteros.

A musica, como tocante recordação dos tempos monasticos, foi a mesma que os bons Frades outr'ora tantas vezes ao som do organo cantavam no seu magestoso Coro, prestando assim o devido culto ao humilde Fundador da sua Regra. E na sua falta, foi ella cabalmente desempenhada pela piedosa familia seminaria actual, que hoje estuda e vive no seu vetusto Convento.

O Templo estava decente e elegantemente ornado. Foi perante o Vulto Venerando do Patriarcha d'Assis, vestido de gloria, que quotidianamente teve lugar a sua novena. Circundado de lumes, e matisado de flores, brilhava com toda a imponencia do Culto Catholico, o seu altar. No Cruzeiro da Igreja, e no flanco do lado do Evangelho, via-se em formoso andar, a primorosa imagem do Seraphim d'Assis, representando a Impressão das Bemditas chagas do Salvador no alto do monte Alverne. *Vis-a-vis*, e no flanco da Epistola, estava um outro andar, denominado—o *Sequere me*, representando tambem o mesmo Santo Patriarcha no acto de receber a Cruz que o Redemptor lhe offerencia.

A capella mór principalmente, estava deslumbrante de ornamentação e de galas. Forrada toda a damasco de seda carmezim, adereçada de festões e bambinelas, ostentava toda a elegancia do seu precioso retabulo e vistosissimo throno, devidamente preparado já para a exposição do Solemne Triduo e Festa, deixando ver por entre as douradas foscas dos seus degraus, columnas e capiteis, as jarras e as flores que com profusão o esmaltavam.

E tal era o apparato interno do Templo, o qual descripto, convem que mais detalhadamente nos occupemos ainda da Novena e do Triduo, que é o que agora passamos a fazer.

Terceira 20—10—82.

(Continúa).

S. P.

Secção Scientifica

O SPIRITISMO

Não posso ficar indifferente á montante d'esta onda, que sobe ha poucos dias em Portugal, relluida

dos Estados Unidos da America em toalha alastradora sobre o velho continente europeu. Veiu-nos ella por deflexão, seguindo linhas tortuosas, como essas epidemias, que marcham sem se saber como, mas precedidas do terror, da infecção e da morte. V. que melhor do que eu está em dia com o movimento d'este nosso cantinho atina de certo com o monstro, que pretendo assignalar: é o spiritismo, este novo aleijão, que veiu por sua vez amofinar o homem e entontecel-o.

Eu poderia dar aos leitores do jornal, que V. redige, uma ideia mais succinta do que elle é, reduzindo assim o meu trabalho; entendi, porem, que melhor faria sem tocar as raia de massador, traduzir um excellente artigo, que possui d'um auctor francez, e subministrar por tal forma um epitomo d'esse absurdo chamado spiritismo, epitomo, que é verdadeiro feixe de raios luminosos, incidindo dentro d'essa treva espessa e dura.

Antes porem de ministrar a traducção do trabalho alheio permitta-me V. uma observação minha, que não deixa de ter cabimento. Ha por certo muitas pessoas que julgarão o diabo, pae do spiritismo, mas por uma paternidade legitima ou natural, como quizerem; o auctor genuino e authentico d'esta obra escripta por elle pagina por pagina, dispondo á sua vontade das almas dos mortos, ou apparecendo elle em vez d'ellas; enfim um verdadeiro empresario de theatro, que ananha as scenas a seu jeito para attrahir a attenção do publico e divertil-o nocivamente. Não penso de todo assim, o diabo é muito fino e habil politico, dirige a nau do estado (do seu) com muita esperteza; é pois erro crasso fazer elle de espiritualista n'esta nossa epocha toda do materialismo; perdia os seus creditos de habilidade, e passava-se a meu ver, um diploma de alarve, de pacovio; era enfim digno de asobios como parlapatão desastrado e soez. Se é pae, é por adopção, recolhe o filho dado á luz por mulher alheia, e imprime-lhe depois o sinete em braza, com que o faz seu. Larga soltas á bizarreria humana não a contrariando, torcendo-lhe o movimento, e hafejando tão auspiciosos donativos. Portanto a minha opinião cifra-se, e à priori, em que é absurdo attribuir ao diabo, de presente ao menos, o apparecimento ou por si ou pelos que lhe pertencem n'esta nossa terra sensualista, e combanida pelo materialismo.

Agora cedamos o passo a quem vae entrar:

«A paixão do maravilhoso é de tal sorte inherente á natureza humana, que se vò por muitas vezes não só em tempos de barbarie, mas ainda em epochas de extrema civilisação ferir como de vertigem populações quasi inteiras. Não ha

logar para muito espanto, quando vemos a antiguidade acreditar no poder da magia, e a idade media na feiticaria e na astrologia; é porem mais difficil de comprehender no seculo XVIII a loucura dos convulsionarios de Saint-Médar, e depois as maravilhas da varinha de Mesmer. Mas que em nosso seculo tão alto de seus progressos scientificos, que effectivamente temos realisado tão admiraveis descobertas em astronomia, em physica, em chimica, em physiologia, que tem inventado os caminhos de ferro, a locomotiva, a illuminação a gaz, o telegrapho eléctrico e a photographia, se tenha produzido uma d'estas epidemias de credulidade, que se assemelham a uma epidemia de alienação mental; ainda mais, que esta enfermidade tenha sobretudo grassado por entre as classes que se dizem esclarecidas, isto é, por entre aquellas que tem gozado o beneficio da instrucção, exactamente como poderia grassar por entre as povoações as mais embrutecidas do Congo, é um phenomeno, que confunde o homem habituado a fazer uso da sua razão, que afflige alem de toda a expressão o homem, que deseja crêr na perfectibilidade humana.

Quanto a nós, este phenomeno é bem d'outra sorte difficil de comprehender, e de explicar do que as charlatanerias das mesas girantes, e as pretendidas manifestações spiritistas, a que queremos alludir. O phenomeno das mesas girantes parece ter-se produzido pela primeira vez nos Estados-Unidos pelo decurso de 1843. Muitas pessoas conservando-se de pé ou assentadas em redor de uma mesa redonda e leve collocam seus dedos sobre a borla d'esta mesa de maneira a formar uma cadeia. Ora ao cabo de um tempo variavel, de meia hora ordinariamente, a mesa faz ouvir ligeiros crepitares. depois experimenta um movimento oscillatorio á guisa d'incerto, enfim começa a girar sobre si mesma. No entanto as pessoas, que fazem a cadeia affirmam, que não tem communicado ao mobil nenhuma impulsão: contentam-se, dizem, em seguir o seu movimento de rotação á medida que se produz. Admittidas estas asserções, e a realidade do facto, como explicar esta rotação em apparencia expontanea?

Nada mais simples; é a vontade do homem, que imprime movimento á mesa por intermedio de um fluido particular, fluido que por hypothese se declara ser o mesmo que o fluido imaginario, pelo qual os magnetisadores, dizem, operam sobre as pessoas magnetisadas. Durante dous annos as mesas giraram em todas as cidades dos Estados-Unidos com um phrenesi inimaginavel. Este phenomeno porem não se confinou á America. Desde 1846 reproduziu-se na Alemanha e na Inglaterra, em França só

em abril de 1853 é que se occuparam d'elle. Mas pelo fim d'este mesmo anno as mesas não se contentaram só em girar, pozeram-se a fallar. Desde então a theoria do fluido magnetico foi insufficiente. Declarou-se portanto que as mesas eram animadas quer por espiritos mais que humanos, quer pelos espiritos dos mortos.

(Continúa).

PADRE VAZ.

Secção Historica

UMA LIÇÃO DE HISTORIA

II

A Inquisição

A INQUISIÇÃO é outro espantallo, que os revolucionarios nos estam sempre apresentando, julgando que nos fazem medo, quando os verdadeiros medrosos são elles, apesar do dito tribunal ter ha muito tempo desaparecido.

São sustos que lhes ficaram de quando eram creanças!.. Recordo-me que, quando era rapaz, me cahiu nas mãos um livrito intitulado = *Cornelia Horroquia, ou a victima da Inquisição de Sevilha*. =

Li-o todo uma e muitas vezes; devo-rei-o, e a minha imaginação infantil transportava-me ao theatro das crueldades, e representava-me a *victima* debattendo-se desesperada no meio dos tormentos, pedindo em vão graça, e recebendo apenas em resposta a seus clamores uma gargalhada satanica!.. E os tormentos continuavam sempre.... e a pobre Cornelia gritava desesperada.... e os algozes apertavam cada vez mais o torniquete.... até que a pobrita morreu.... (Não me lembro bem se o romancista mata a sua heroina, ou se se contentou com atormental-a sem dô nem piedade — a ella e á historia.)

E então commovia-me, derramava abundantes lagrimas (que lagrimas tão mal empregadas!) e detestava do intimo de minha alma o tribunal, que taes crueldades praticava!..

Pois tudo aquillo era uma grande patranha! Conheci-o depois que a idade madura me levou a procurar a verdade em fontes puras, e não em romances, que estragam a mocidade, corrompendo-lhe o espirito, e enchendo-lhe a cabeça de ideas falsas, que muitas vezes perseveram até o fim da vida!..

O tribunal da Inquisição foi instituido para proteger a fé, oppondo uma barreira aos erros dos Judeus, Mouros, infieis e herejes.

Estabeleceu-se na Italia, Hespanha e

Secção Critica

OS MISSIONARIOS

E O

«PROGRESSO DO NORTE.»

DENTRE o clero catholico cujos serviços à humanidade são assás conhecidos destaca-se ainda assim e com reconhecida saliencia o missionario. E' elle que abandona os commodos que offerece o viver das grandes povoações para ir nas freguezias rurais ensinar aos povos a santa lei de Jesus Christo, instruir as creancinhas nos sacrosantos principios da verdadeira civilisação.

O missionario, levando ao peito aconchegado a imagem do Martyr do Golphtha, leva tambem a paz, a felicidade, o bem-estar a todas as terras onde a Divina Providencia aprouve enviar-o.

Ao missionario deve Portugal as suas conquistas, pois que é a elle que se deve a sujeição ao dominio portuguez d'essas povoações immensas que se estendem por todo o mundo onde se conhece o idioma em que Camões, o nosso primeiro poeta, cantara as glorias da patria. E' a elle que Portugal deve a conquista da America; porque, a não ser o missionario, que valia a espada valente do soldado portuguez? Quantas vezes as hostes aguerridas, formadas pelos soldados lusitanos, fugiam para bordo de suas naus, e os missionarios ficavam, sós, á sombra da cruz conquistando almas para Christo, que eram dentro em pouco subditos feis do rei de Portugal? Quantas vezes o estandarte das Quinas ficava abandonado pelos soldados em meio dos areas torrificos da Africa, ou entre os palmars da America e o missionario, o pobre e abandonado missionario, o guardava para agrupar pouco e pouco em redor d'elle uma grande porção de gente que não tardava em formar uma missão e logo uma colonia, que reconhecia por soberano o rei de Portugal?

Quem fez o grande imperio africano, esse vasto territorio que se estende desde Ceuta até aos ultimos confins da costa africana? Quem civilisou todo esse povo, quem edificou cidades, igrejas e palacios?

Foi o missionario.

Quem formou o grande imperio portuguez na India, e edificou florescentes cidades, que hoje, a incuria dos nossos homens de estado deixa ao abandono, á mingua de missionarios?

Foi o missionario, e com especialidade o jesuita.

Quem constituiu o grande imperio brasileiro, essa perola desengastada da corda portugueza pela *santa* liberdade? Quem foi que fez de um povo selvagem

Portugal, a pedido dos soberanos d'estes paizes, que desejavam por este meio conservar a paz em seus reinos, e preservar-os da heresia.

Os declamadores contra este tribunal fingem acreditar, e querem fazer crêr, que era um tribunal puramente ecclesiastico, funcionando contra a vontade dos governos, a quem dominava com sua influencia; mas a verdade é que elle dependia dos governos, os quaes d'elle se serviam, para dominarem seus subditos rebeldes e conservarem aos feis a integridade da fé.

Neguem isto, se podem, os declamadores, adduzindo provas convincentes...

Declamações e sentimentalismo em pontos de historia na-la valem.

A respeito da Inquisição hespanhola, estou longe de approvar seus excessos; mas estudando friamente a historia, não posso deixar de atenual-os e desculpal-os até certo ponto, attendendo às circumstancias da epocha, e ao caracter do povo hespanhol.

A lucta entre christãos e mouros tinha durado seculos, e estava no ponto, em que devia decidir-se se aquelles seriam senhores de toda a Hespanha, ou se estes ainda ficariam dominando na sua mais bella e rica provincia. Fernando e Isabel desejavam consumir a obra gloriosa da unidade da Hespanha; o inimigo era poderoso, e muitos, fingindo-se convertidos, conspiravam surdamente contra a segurança do estado.

Sendo incompetentes os tribunaes civis, para conhecer dos crimes contra a fé, foi a Inquisição encarregada de interrogar os accusados e julgar da sua ortodoxia.

Os inquisidores communicavam ao governo o resultado de suas inquirições, e este mandava applicar aos culpados o castigo, que as leis e regulamentos ordenavam.

Houve excessos e abusos; mas qual é a instituição, de que se não tenha abusado? Como exigir grande moderação, tratando-se d'uma questão de vida ou morte, e attendendo-se ao caracter do povo hespanhol?

A historia d'esse tempo está repleta de contestações entre os Papas e os Reis de Hespanha, porque aquelles pugnavam sempre pela moderação.

Demais a Hespanha, Portugal e a Italia devem à Inquisição assignalados beneficios (não estremeçam de raiva, senhores positivistas!) porque concorreu poderosamente, para perseverar estas nações da invasão da heresia, e por consequencia livrou-as das guerras religiosas, que só na França fizeram mais victimas, do que a Inquisição, durante todo o tempo da sua existencia, fez em todo o mundo!

Não se declame pois contra a Inquisição. Os excessos que houve, devem at-

tribuir-se às paixões dos homens, e não a religião catholica, que jamais os approvou.

Os hereses d'aquelle tempo não se limitavam a professar suas ideas; empenhavam-se, como os de hoje, em fazer activa propaganda, e em atacar brutalmente as crenças e as pessoas dos que se conservavam firmes na fé. A Igreja, exercendo o mais legitimo direito de defesa, instituiu este tribunal, para conhecer dos crimes contra a religião nos paizes, onde os governos quizessem utilisar-se d'elle. Então era uma necessidade: hoje o *Codigo Penal*, executado como

é, dispensa-o bem..... Os proprios escriptores protestantes, como Rank, Leo, Guisot e outros confessam que a Inquisição hespanhola foi principalmente uma instituição politica, destinada a completar e defender a unidade de Hespanha.

«Quando qualquer considera as tyrantias d'esta rainha abominavel (Isabel de Inglaterra) diz o protestante Cobbett,..... é impossivel que se não olhe com vergonha e com horror, para o que ha tanto tempo se tem dito e está dizendo contra a Inquisição hespanhola, que desde o principio do seu estabelecimento até hoje, não commetteu tantos actos de crueldade, como commetteu este feroz e apostata protestante, em cada um dos annos, dos quarenta e tres que reinou.»

Não devemos julgar a Inquisição, segundo as ideas de hoje; mas segundo as do tempo, em que existiu.

Os nossos revolucionarios, investindo continuamente contra uma instituição, que passou à historia, fazem-me lembrar aquelle cavalleiro, D. Quixote de la Mancha, atacando com toda a galhardia os moinhos de vento!..

Com a historia, que o Sr. Teixeira de Freitas anda publicando, hade fazer-se muita luz sobre este assumpto; muitos prejuizos se hão de dissipar, muitos juizos falsos se hão de rectificar. A Inquisição, que para muitos de boa fé era um objecto de horror, deixará de apparecer-lhes sempre cercada de negros phantasmas e envolta em sinistros clarões.

Os calumniadores de officio, esses continuarão investindo sempre contra ella, apresentando-a sob um prisma muito differente d'aquelle, pelo qual deve examinal-a a imparcialidade historica.

Deixal-os; o seu fadario é empanar a luz, para que se não vejam e descubram seus sinistros projectos e nefandos fins.

P.º JOSÉ VICTORINO PINTO DE CARVALHO.

Secção Litteraria

O EXILIO E A PATRIA

Nasci do mundo no fatal desterro,
N'este valle de lagrimas chorei;
Victima das paixões, presa do erro,
Ao bem, á dita em vão sempre aspirei.

Onde a ventura? A' porta da riqueza
Bati, buscando esse ideal gentil:
Tedio, remorso, corrupção, tristeza,
Encontrei quasi só no aureo covil!

Descorçoado corri da honra á porta;
Mora a felicidade alli talvez...
Illusão!... definhada e quasi morta,
A honra hei visto em misera nudez!

A' porta do trabalho encaminhei-me,
Creulo o contentamento e a paz achar;
(Os umbraes ao transpor, desenganai-me:
Que só gemidos e ais pude escutar!

Então, buscando a casa da alegria,
A muitos perguntei por ella em vão:
Indicar-n'a sequer ningnom sabia,
Abyssinado na dor o coração...

Alguem me disse: «Albergue ha silencioso,
A cuja porta em breve irás bater;
Muitos o habitam: no seplero umbroso,
Logar, repouso todos hão de obter.»

Não! co'n vida mortal tudo não finda;
Outra existe immortal da campã alem:
Pois que nos diz a aspiração infuada,
Que se não cumpre aqui, do pleno bem?

Acima d'essa abobada tam bella,
D'essas nuvens de macar, ouro e grã,
D'essos ignotos mundos, onde a estrella
Aos milhões de milhões fulge louçã,

Habita Deus em gloria magestosa,
Se assenta a Mãe sublime de Jesus,
Mora dos Santos a hoste numerosa.
A quem na terra guiou dos ceus a luz:

Alli, alli, na terra dos eleitos,
Em torno ao solio fulgido de Deus,
Ha beatitude, paz, gozos perfeitos,
Que não turbam do mundo os escarcens.

Do exilio á patria é aspera a vingem,
Cheia de angustia, de cansaço e dor:
Oh! por leva-la ao fim, dá-me coragem
E fortaleza o meritos, Senhor!

Humilde e resignado peregrino,
Arrimado ao bordão santo da fé,
Chegue ao teu reino esplendido, divino,
Que a mansão da ventura alli só é.

Porto—Novembro 1882.

A. MOREIRA BELLO.

**A terra, o mar, os ceos,
diz tudo—Deus**

Do firmamento as 'strellas, rutilantes
Quaes diamantes, là no ceo pregadas;
Do mar as salsas aguas agitadas,
Encapelladas, mansas, ou constantes;

homens civilisados, e de vastas mattas
virgens, florescentes cidades? Quem foi?
Foi o missionario, especialmente o
missionario jesuita.

A espada dos nossos grandes generaes,
as formidaveis artilherias das nossas ar-
madadas podiam muito; mas seriam o bas-
tante para subjugar povos livres? Se não
fosse o missionario, que lhes ensinara
a adorar o verdadeiro Deus e lhes dizia
haver uma vida melhor além do tumu-
lo, seria facil a conquista?

Não estavamos ainda hoje em guerra
com essas gentes se a cruz não fosse
adiante da espada?

Oh! os missionarios! Como Portugal se
devera prostrar reconhecido diante d'el-
les!

* * *

Mas nem todos os portuguezes sabem
o que a mãe patria lhes deve, aos mis-
sionarios. Não ha muito que um jornal
transmontano, *O Progresso do Norte*, di-
zia cousas do arco da velha ácerca dos
missionarios. Entre mil cousas, que só
um ignorantão de marca maior podia di-
zer, escrevia, que os missionarios *tinham
sido expulsos de toda a parte!* E cha-
ma-lhes abutres, e trinta mil nomes
feios, entre elles, excrecencia social, alei-
ção infecto, etc. etc. Dizia mais o po-
bre louco: *O missionario roubando-nos
as filhas, ousa tambem roubar-nos as
crenças. São uns vampiros que deve-
mos expulsar!*

Ora este maganão, que escreve taes
parvoices é de tal laia que o missiona-
rio teve de lhe roubar as filhas, talvez
para as mandar educar a quem melho-
res crenças tivesse; porque, diz elle—
rouba-nos tambem as crenças, e um ho-
mem com crenças, que um missionario
faz por lhe roubar ajuizem os leitores
que tal será!

Pela nossa parte um homem de cren-
ças differentes das do missionario, estan-
do junto de nós, grande cuidado nos da-
ria, tendo na algibeira o relógio, alguns
cobres e até, quando não mais, o lenço
de assoar.

O rabiscador do *Progresso do Norte*
falla em historia, cousa de que entende
tanto como de crenças e de missiona-
rios. Boa historia lhe ensinariamos nós
se elle se dêsse ao trabalho de vir aqui
estar alguns dias para lhe darmos a lér
(se elle souber) escriptos de muitos au-
thores protestantes, atheus, e até mu-
sulmanos que põem os missionarios n'u-
mas alturas onde não pôde chegar a
vista turva e espantadiça do rabiscador
do *Progresso do Norte*.

Se quizer aprender venha até aqui,
que melhor aprenderá que entre as ca-
bras das montanhas de Traz-os-Montes,
de que nos parece guardador o tal—*fi-
lho do povo*.

ELIAS DE SAMPAIO.

Da terra as fórmãs tão perseverantes
E tão frisantes e tão bem talhadas;
Do ar as aves, bellas, engraçadas,
Variegadas, lindas, inconstantes:

Aponta tudo o grande architector!
Tudo levanta a frente para os ceus!
Curva-se tudo ante o gran' Senhor!

Tudo protesta contra os vis atheus!
Do mundo, tudo accusa o seu Author:
A terra, o mar, os ceos, diz tudo—Deus!

ALBANO VICENTE LOPES VICTRINERME.

Secção Illustrada

Claustro do Silencio em Santa Cruz de Coimbra

FALLAR do grandioso mosteiro, que
foi abrigo dos conegos regrantes
de Santo Agostinho, o mesmo é que
recordar a época em que vivera Affonso
Henriques, o vimaranense illustre que
dilatara á ponta da sua valente espada
os dominios de Portugal.

E é grato a uma alma christã, n'es-
tes tempos do arrasamento universal,
quando a dynamite se destina, com o
seu companheiro de guerra, o petroleo,
a representar um papel importante no
meio dos povos modernos; é grato, di-
ziamos, contemplar através oito seculos
o primeiro guerreiro do seu tempo, o
soldado destemido que levava os portu-
guezes á victoria em cem batalhas, de-
por a espada e o escudo de cavalleiro
para levar ás costas um cesto de terra
com que dava principio ao grandioso
templo que lhe havia guardar os restos
mortaes.

Foi, pois, na época guerreira do fun-
dador da monarchia, que tivera princi-
pio o mosteiro de Santa Cruz de Coim-
bra, que este monarcha cumulava de
honras e privilegios, e que todos os mo-
narchas que se lhe seguiram tiveram que
dar aos sabios e virtuosos conegos, até
à chegada de um que, não só não teve
que dar-lhe, mas lhe lançou mão do que
os outros lhe haviam dado.

D. Alfonso Henriques, sempre que de-
mandava em Coimbra, ia rezar os offi-
cios divinos no côro de Santa Cruz com
os conegos, e honrava-se em se chamar
conego regrante de Santo Agostinho,
pois que havia professado n'esta ordem,
e D. Sancho segundo, foi denominado o
Capello porque em creança andava sem-
pre vestido com o habito dos conegos
regrantes.

El-rei D. Manuel dera aos conegos de
Santa Cruz o titulo de capellães de El-
rei, e D. João III, entrando em Coimbra
depois de haver cedido os paços reaes
para n'elles se installar a Universidade,

foi residir em Santa Cruz de Coimbra, e quiz ser servido pelos proprios criados do D. Prior, a quem fez a graça de se chamarem desde então, todos os criados da casa *moços fidalgos*.

Fôra este mosteiro um emporio de sciencia, e muito lhe devem as letras patrias. Os rendimentos d'esta casa eram equiparados aos da mitra bracarense!

Deixamos para outra occasião o descrever com minudencia as grandezas d'esta casa, cabeça da ordem em Portugal, e que nós visitamos algumas vezes depois de *livre das peas frutescas*; por enquanto é nosso proposito fallar do esplendido claustro do Silencio, ou de D. Manuel, de que a gravura do presente numero é copia fiel.

Dos tres claustros que possui este mosteiro é o do *Silencio* o principal em belleza e architectura. Fôra edificado no tempo de El-rei D. Manuel, ainda que as maiores despezas foram feitas á custa da casa, o que se prova pelo escudo de armas do então geral dos conegos regrantes. Cada um dos quatro lanços mede 35 metros, e são todos de alobada de pedra artozoada, com os brazões nos remates.

O notavel archeologo o snr. Vilhena Barboza descreve assim este claustro, que nós por vezes visitamos:

«Os vinte arcos, que se abrem nos quatro lanços, são de volta curvilínea e formados de columnas, que, á maneira de troncos cobertos de folhagem, ramificam do logar onde começa a volta do arco para o centro; e, descansando ahi sobre outra columna do mesmo feitio, servem de base a um olhal oblongo, também revestido das mesmas folhagens, e que vae terminar no ponto agudo do arco.»

Adorna o centro d'este claustro uma fonte elegantissima com duas taças e uma estatua que o corôa, havendo em dois dos quatro angulos mais duas fontes, uma de marmore e outra de pedra ordinaria, mas todas ricas de agua.

Admiram-se aqui varias capellas e sepulturas, e o que mais se admira é o abandono de uma casa tão rica em bellezas architectonicas e despovoada dos verdadeiros senhores.

R.

Secção Bibliographica

I

Obras completas do Padre Senna Freitas
—I: *Juizos criticos*

SUBORDINADA a este titulo vae a casa editora Teixeira de Freitas fazer a publicação de todas as obras do notavel escriptor portuguez o R.º Padre Senna Freitas.

O primeiro volume d'esta interessante colleção será formado pelas obras que já se acham esgotadas, e que grande procura tem tido—*Critica á Critica*—*Os nossos Bispos do continente a proposito das exequias da Lapa em honra de Alexandre Herculano*—*Os Lazaristas*—*A carta e o homem da carta*.

Abirá este primeiro volume com uma introdução pelo auctor e será enriquecido com o retrato do eminente sacerdote.

Todas as obras, de que este volume será composto terão uma seria revisão e importantes retoques que o mesmo R.º Padre se propõe fazer-lhe.

Um dos volumes a publicar será formado dos discursos por S. Ex.ª feitos, a maior parte dos quaes estão ineditos. Na capa do 1.º volume se annunciara o 2.º

Fica desde já aberta a subscrição para esta importante edição, podendo ser enviadas as assignaturas ao editor Teixeira de Freitas—Guimarães.

Cada volume de 300 paginas aproximadamente custará 500 réis, e os assignantes do *Progresso Catholico* recebem 3 ex. pagando dois.

II

Almanach da Immaculada Conceição dedicado ás familias christãs, para 1883—3.º depois do bissexto (4.º anno de publicação). Composto por dois devotos da mesma Senhora.—Lisbon—*Livraria Catholica*—Joaquim Antonio Pacheco—*Calçada do Carmo*, 6—1.º—*Rocio*—1882.

Que poderemos nós dizer d'este livrinho que ha quatro annos visita o lar das familias catholicas? Não diz tudo o seu titulo? não é bastante o ser consagrado á Rainha do céu e da terra e ser editado pelo nosso amigo o Ill.º Sr. Joaquim Antonio Pacheco?

Depois, na parte litteraria tem a colaboração dos nossos mais distinctos litteratos, no campo catholico, e traz todas as tabellas de que podemos carecer.

O seu preço é 100 réis.

Agradecemos a offerta e muito recomendamos a leitura de tal almanach.

III

Meditações para todos os dias do anno, por M. Humon, traduzidas da terceira edição franceza, por Francisco Luiz de Seabra, Parocho de Curia—*Tomo segundo—desde a septuagesima até ao 3.º domingo depois do advento.*—Porto—*Ernesto Charvron*, editor—1882—Preço 400 réis.

Livros que tendem a afervorar a piedade dos fieis são sempre bem recebidos e devem ser propagados quanto possível, jámais n'este seculo em que vivemos chamado das luzes e que nada gosta da luz.

Esta obra de que já nos occupamos ao receber o 1.º tomo é uma d'essas raras produções do espirito humano que, ao impulso da divina inspiração, mais serviços pôde operar em meio da actual sociedade, encaminhada por todos os modos para a perdição e para o desvergonhamento. E é por isso que nós, escriptor que temos a nossa penna ao serviço da Igreja, não podemos deixar de recomendar a todos que façam aquisição d'estes livros; mas que não façam só aquisição d'elles, porque n'isso vae só o interesse do editor, mas que os leiam, que se entreguem por elles á oração todas as noites.

A sociedade em nossos dias está junto de um abysmo medonho, mas a oração, as boas obras, a caridade, o amor a Deus e ao proximo, podem ainda regenerar esta sociedade, alumiada pelo clarão sinistro do petroleo, e empestada pelo baquear das mais venerandas instituições.

Ao editor nossos agradecimentos.

IV

Theologia moral, por Pedro Scavini, traducção do Padre José d'Almeida e Silva.—Vizeu—*Fasciculo 38*.

Temos diante de nós a continuação d'esta obra digna de ser compulsada por todo o clero e da qual por vezes nos temos occupado.

Aos snrs. assignantes que recebem esta publicação por intermedio da redacção do *Progresso Catholico*, temos a lembrar que antes de terminar o 3.º tomo foi n'esta secção da nossa Revista annunciado que o 4.º e 5.º volume seriam distribuidos só depois de promptos e brochados. As muitas faltas que se davam, que em nada interessam ao editor levaram o director d'este periodico a tomar esta medida. Logo que o 4.º tomo seja concluido será enviado a todos.

A Historia Verdadeira da Inquisição e a Imprensa portugueza.

XI

DA «CRUZ E A ESPADA» DE BRAGA

(De 15 de julho de 1882)

«Historia verdadeira da Inquisição.

—Recebemos e agradecemos o fasciculo n.º 3 d'este tam util como importante trabalho historico, optima traducção do hespanhol devida à penna do nosso muito esclarecido escriptor o Ex.º Sr. Francisco Xavier G. Rodrigo, de que é editor o Snr. Teixeira de Freitas, da cidade de Guimarães, que tantos serviços tem prestado à sociedade christã fornecendo-lhe bons livros, e assim confundidas e desarmadas calumnias inventadas pelos filhos das trevas contra a benemerita Companhia de Jesus.»

Está em distribuição o 5.º fasciculo d'esta obra, 1.º do 2.º e ultimo volume.

Continua a receber-se assignaturas por fasciculos ou volumes.

A. DE GUIMARÃES.

Retrospccto da quinzena

A OS nossos collegas na Imprensa, nacionaes e estrangeiros, que celebraram com phrases, que não podemos esquecer, o nosso advento no 5.º anno das lides Jornalisticas, enviamos, com um abraço de irmãos, as provas do nosso reconhecimento.

* * *

Não era pela cidade de Angra do Heroísmo, como disseramos no passado n.º, que os catholicos propunham para deputado o R.º Padre Senna Freitas, mas sim pelo Funchal. O seu a seu dono.

Está, por tanto, salva a patria e o chafariqueirismo portuguez! Que se diria lá fóra, além das fronteiras de Portugal se a batina de um padre entrava na camara dos representantes da... nação? Que se diria... mas, perdão, a batina do padre é já conhecida em S. Bento; mas será a batina com que se veste o padre catholico? A batina dos *candidos* e compadres será a mesma batina que voeja pelas ruas e praças das nossas cidades, levada pelo padre catholico, pelo fundador da União Catholica em Portugal, pelo Padre que os catholicos do Funchal escolheram para os representar em côrtes? Dêem entrada a ambos e saberão qual das batinas é a do padre catholico.

Que, deixemo-nos de contos e de palavriados; os inimigos de Jesus bem sabem qual das batinas é a que convém em S. Bento; e por que o sabem veio d'ahi a guerra que fizeram, mesmo aquelles que a não deveram fazer, ao candidato catholico.

Temos presente um escripto, que nos foi enviado do Funchal e n'elle vemos o muito que fez o partido catholico. Em

poucos dias, e com tollos os reductos occupados, pôde ainda formar fortes batalhões que se entileiraram para receberem combate leal o inimigo da Cruz e das Quinas.

Bravo, catholicos funchalenses, nossos irmãos em crenças, nossos companheiros nas lides feridas pela patria! Nós vos saudamos d'aqui da terra dos Damazos e dos Affonsos Henriques e vos estreitamos em apertado abraço apesar do mar que nos separa. Que o vosso exemplo seja seguido em todas as terras de Portugal e a nossa cara patria verá cahidos a seus pés, feitos pedaços, os grilhões com que o maçonismo a tem tão cynicamente manietado. Sejaes vós, illustres filhos da Madeira, quem levante o grito que leve a Patria, quem faça renascer no coração dos portuguezes essa fé, esse amor por tudo que é grande, que animou nossos maiores aos maiores empreendimentos.

Catholicos portuguezes, seja por vós imitado o proceder dos nossos irmãos da cidade do Funchal, e patria livre teremos nós. Escutae o que um filho da formosa cidade do Funchal nos diz e fazei por despertar em vossos corações o mesmo amor da Patria e da Religião por elle manifestado no seguinte bello escripto:

«Seja Deus louvado, começou uma nova epocha de regeneração e de gloria para os catholicos madeirenses.

Acostumados a favorecer essas facções politicas que tem arruinado a patria e hostilizado mais ou menos directamente a religião do paiz, convencidos de que só n'um governo verdadeiramente catholico pode depositar suas esperanças o povo portuguez resolveram-se finalmente os catholicos do Funchal a manifestar abertamente e sem reboço as suas verdadeiras crenças, sahindo assim do lethargo em que pareciam jazer desde ha muito.

A eleição suplementar de deputados, forneceu occasião favoravel para esta manifestação dos sentimentos catholicos, sendo indigitado para advogar em côrtes os interesses dos catholicos funchalenses o distinctissimo orador e escriptor catholico, o R.º Padre José Joaquim de Senna Freitas.

Não podia esta escolha recahir sobre individuo mais digno e competente do que sobre este campeão do catholicismo em Portugal.

Foi pequeno o numero que representou na urna o partido catholico, mas ainda assim esse pequeno numero pôde considerar-se grande se attendermos às circumstancias especiaes que se deram na presente eleição.

A iniciativa foi tomada apenas por 3 ou 4 catholicos decididos e arroçados, de pouca ou nenhuma influencia politica, mas que ainda assim não tiveram receio

de apresentar-se em campo, tendo contra si poderosos adversarios que se achavam senhores da situação e que já contavam com a victoria certa. Não obstante a pureza de intenções que animava estes verdadeiros atletas da causa catholica, viram elles a sua iniciativa desaprovada por individuos que se honram com o nome de catholicos e que deviam pôr todo o empenho em trabalhar pela verdadeira causa da religião e da Patria.

A propria associação catholica, que pela sua indole deveria ser a primeira a approvar e impulsionar este movimento regenerador, conservou-se pelo contrario, em grande parte, adversa a ideia tão salutar.

O clero funchalense, na sua quasi totalidade, tambem desapprovou a proposta do partido catholico e até a hostilizou d'um modo a nosso vér pouco digno.

Não é nosso intento censurar completamente o procedimento do clero, pela sua opposição ao partido catholico, pois de sobejo sabemos que antes de este partido se apresentar em campo se achavam os membros do clero comprometidos com os outros partidos, mas tambem o que é certo é que um procedimento mais leal deveria caracterisar aquelles que por officio se deveriam empenhar para que prevalecessem os interesses catholicos.

Centenares de votos foram subtrahidos aos eleitores ignorantes e inconscientes por individuos que em taes circumstancias não deviam hostilisar tão abertamente o movimento catholico. A não ser esta conducta pouco leal, de quem se não esperava, o R.º Padre Senna Freitas seria representado na urna por um numero muito superior de votos.

Ainda assim 459 catholicos deram o seu suffragio em favor da boa causa e com a sua opposição conseguiram empatar a eleição e impedir que os catholicos funchalenses fossem representados no parlamento por individuos mais ou menos eivados de ideias maçonicas e antireligiosas.

Um deputado republicano, apoiado pela maçonaria queria obter o mandato do povo funchalense e senão fosse a opposição posta em actividade pelos catholicos teriamos a infelicidade de ser representados por um homem nosso inimigo declarado em politica e em religião.»

* * *

Aterradora era a noticia que ha dias nos davam varios jornaes portuguezes, e a ser esta verdadeira nós desde já atalayamos nossos arraiaes para, em caso de perigo, levantar o—alerta catholicos—tão necessario se o representante do nosso Pae, do Pontífice, do Representante de Jesus Christo for expulso de

Portugal. Nós nem queremos as relações do governo que nos rege interrompidas com a côrte de Roma, nem queremos a confirmação de chafariqueiras nomeações para os altos cargos do Episcopado. Esperemos de arma em punho; mas da nossa arma—a penna.

* * *

Os nossos leitores estão certamente lembrados de nós aqui lhe annunciarmos a chegada de uma Imagem do Sagrado Coração de Maria, esculpturada em Roma, e das festas que por essa occasião aqui se fizeram; mas o que não sabem, e nós lhe vamos agora dizer, é que essa Sagrada Imagem acaba de operar um milagre.

Um milagre! Pois n'este seculo do petroleo e fogo de *lemites*, como dizia ha dias um sujeito referindo-se aos foguetes de dynamite, ainda ha quem creia em milagres? Essa não é má! Um milagre! Venha, venha o milagre!

Todos sabem que as portas do hospital de S. Francisco d'esta cidade, d'essa casa que mais parece o palacio de um grande senhor da terra, que uma casa para abrigo da desgraça, tal é a sua soberba e formosa architectura, estavam fechadas para as filhas da caridade, para esses anjos de consolação, que passam a vida de si esquecidas para só cuidarem, para só se entregarem a linitivar desgraças alheias. Pois bem. A Santa Imagem entra na capella da Veneravel Ordem terceira franciscana, recebeu as homenagens d'este povo catholico e dispensa-lhes as benções que trazia de Roma, do nosso Santissimo Padre Leão XIII. O contentamento do povo vimaranense tocara as raías do delirio, mas no coração da Santissima Virgem havia uma dôr agudissima ao sentir n'aquella casa a falta das filhas da caridade.

Mas, oh, Divina Providencia! poucos dias depois era convocada, pela mesa, a junta magna da Ordem, e todos, em carga cerrada, votam que sejam chamadas as irmãs de caridade para o serviço do seu hospital.

Porque não vieram antes? por que não havia si lo ha mais tempo inspirada a mesa para as chamar? Para nós é um milagre operado pela Santissima Virgem, e, ainda que cremos no milagre, não podemos deixar de dar os parabens ao Ill.º Sr. José Ferreira d'Abreu, instrumento de que o Sagrado Coração de Maria se serviu para que fosse cumprida a sua vontade.

Proclamemos, pois, o milagre e demos os parabens á Ordem da Penitencia, e a nós mesmo, que não estamos livres de carcer um dia dos disvellos d'essas mulheres, que tem visto a seus pés os estandartes dos mais aguerridos exercitos e que já viram, em Africa, na occa-

sião em que passava o enterro de uma irmã, vir rojar-se á sua passagem o Crescente de Mahomed, como reconhecimento dos serviços que aos seus soldados, ainda que inimigos, havia prestado em medonha noite seguida a um dia de batalha.

São já cinco casas em Guimarães dirigidas por irmãs de caridade, e n'uma d'estas nada menos de dez ou onze!

Horror!.....

* * *

Cá está um traço a dizer que não posso passar adiante; lica para o n.º seguinte o mais que temos a dizer.

J. DE FREITAS.

PARABENS

O nosso collega «A Ordem», de Coimbra, encetou o quinto anno da sua publicação. Dando ao nosso companheiro nas lides catholicas os mais calorosos parabens, pedimos a Deus, ao mesmo tempo lhe dê muita vida, grandes prosperidades e força bastante para luctar contra os inimigos da Cruz e alentar-nos em meio dos combates em que ambos nos achamos.

BOLETIM DO MONUMENTO

PIO IX, O GRANDE

XXVII

Por falta de espaço não damos hoje n'esta secção mais que o resultado da subscrição que tem sido feita n'esta redacção.

Segunda subscrição recolhida pelo «Progresso Catholico» para as obras do monumento.

Dos Ex.ºs e Ex.ªs Snr.ªs:	
João Luiz Gomes, de Berjoeira	15000
José Cardoso da Silva Guimarães, de Braga	15000
Reitor José Francisco dos Santos, Labruge	500
De uma familia catholica...	105000
Padre Antonio Rodrigues Guedes Pinto, Anadia	15400
Padre Manuel Luiz Pires Costa, Vianna do Castello...	500
Padre Francisco Manuel Vaz, Sernache do Bonjardim..	15000

Somma 155400
Transporte do n.º anterior . . . 1148075

Somma 1295475

TEIXEIRA DE FREITAS.

Secção Necrologica

D. Maria Adelaide Mergulhão Neves Cabral

AMPLACAVEL souce ceifou mais a existencia preciosa d'uma irmã dedicada, d'uma tia exemplar, d'uma das mais crentes nos principios da religião d'Aquelle que no alto do Golgotha soffreu morte ignominiosa para abrir aos miseros mortaes as portas celestes fechadas ha quatro mil annos.

D. Maria Adelaide Mergulhão Neves Cabral, irmã do distincto advogado João Maria Mergulhão Neves Cabral, de S. Romão, falleceu no dia vinte oito do corrente outubro pelas quatro horas da manhã deixando assás consternados não só aos da sua familia, mas até a quantos a conheciam, porque a sua vida por assim dizer santa a todos convidou á saudade.

Cuidando apenas do governo da casa empregava o tempo restante, já assistindo aos actos religiosos, já esmerando-se com os seus doentes, ora rezando suas devoções, ora repartindo com os pobres tanto quanto podia, devendo com razão acompanhar-se o dito do povo de S. Romão—*desappareceu um dos anjos da caridade d'esta terra.*

O seu passamento foi socegado e agradavel. Quando sua familia a julgava dormindo já o seu espirito tinha voado á mansão celeste: é porque *talis vita finis ita.*

A todos os da familia, que possuem as superabundantes virtudes do christianismo para minorarem a justa saudade acompanha o escrevinhador d'estas linhas no soffrimento, podendo ao menos encontrar linitivo na vida immaculada da que hoje é no Céu, visto que no pensar verdadeiramente christião quem assim morre aos olhos do mundo vive perante a magestade divina, aspirações que oxalá todos tivessem.

Que o balsamo suave do Christianismo mitigue a dôr que opprime os corações da familia é o ancioso desejo do sobrinho da finada

ANTONIO FERREIRA GOMES DE CARVALHO.

EXPEDIENTE

Não mandamos com este numero a folha em que promettemos dar os nomes das pessoas que tem pago as suas assignaturas, porque deliberamos antes mandar recibos especiaes a cada um, o que vamos fazer breve.

Aos que ainda não pagaram pedimos o favor de o fazer o mais breve possivel.

TEIXEIRA DE FREITAS.